

# UM NATAL BEM BRASILEIRO



# UM NATAL BEM BRASILEIRO

A peça de Natal apresentada neste jornal é fruto de uma experiência dos jovens da Igreja da Paulista em Piracicaba, S. Paulo.

Representa o resultado de um trabalho feito em conjunto a partir de algumas visitas feitas às favelas que formam o cinturão da cidade. Observe pela leitura a realidade em que vive uma grande parte de nosso povo. O que pode ele esperar no Natal diante de tanta injustiça, falta de oportunidade para o estudo e trabalho, engano, confusão, opressão e desamor?

A peça exige um reflexionamento sobre a responsabilidade do cristão diante de tal quadro desolador. Ela nos chama a questionar a forma em que comemoramos o evento em que Deus se fez carne e habitou entre nós, a fim de comunicar plenamente o seu grande amor por **toda** a humanidade.

Após a sua apresentação reserve alguns momentos para esse reflexionamento. Intercale os espaços de silêncio com a leitura de textos bíblicos, tais como: **Isaiás 11.1-5; Isaiás 1.11-17; João 1.1-14; Lucas 4.16-21; I João 4.7-11; João 10.9-10.**

Fica registrado aqui o nosso sincero agradecimento ao prof. Peri Mesquida e o grupo de jovens e juvenis da Igreja Metodista da Paulista, Piracicaba, SP, pelo trabalho de tamanha seriedade e significado que realizaram.

## PRIMEIRO ATO: Chegada do Papai Noel

**Cenário:** O palco transformado em presépio vivo, tendo ao fundo um grande mapa do Brasil (ou figuras representando as regiões brasileiras).

Entra o Papai Noel, muito gordo, bem vestido, sorrindo para todas as pessoas, sobe ao palco e começa a falar, com um pouco de sotaque:

— Boa noite! Eu sou o Papai Noel. Veio de muito longe pra trazer presentes para os crianças e a povo brasileiro. Son presentes muito caros: custaram muito dinheiro, mas son muito, muito bonitos. Tenham cuidado com eles!

— (Uma voz de criança) — Papai Noel!

— Quem está me chamando?

— (voz de outra criança) — Papai Noel, você pode dizer pra gente que tipo de presente você trouxe?

— Ah! Sim. Eu trouxe aviãozinho, trenzinho, automóveis, tudo eletrônico: trouxe também, espadas, fuzis, metralhadoras e tanques de guerra. Tudo muito caro, mas muito bonito.

— (voz de outra criança) — Papai Noel, será que estes presentes são aqueles de que as crianças brasileiras necessitam?

— Bom, eu não sei se son os presentes de que o povo precisa, mas son muito caros e muito bonitos.

— (voz da última criança) — Papai Noel, que tal fazer uma viagem pelas cinco regiões brasileiras e ver com os seus próprios olhos os problemas e as necessidades do nosso povo? Topa?

— Por que non? Vamos lá. Eu gosta mesmo de viajar! Fecham-se as cortinas

## SEGUNDO ATO: Problemas da Região Sul

**Primeira Cena:** A esposa está sentada escolhendo feijão e preparando o almoço. Entra o gaúcho, senta, tira as botas e chama o piá pra lhe trazer um chinelo.

— (Gaúcho abraçando a esposa) — Éta minha chinoca! Não sei o que seria da minha vida sem você (senta-se e tira as botas). Pedroca! Me traz meu chinelo. Deixe dá uma felga pra "canaiada" (os dedos dos pés) que o dia hoje foi puxado. (O garoto entra com o chinelo e o pai lhe dá ordens): Meu filho, tira da garupa aquele naco de carne fresca e traz aqui pra sua mãe. (Voltando-se pra esposa).

O patrão hoje carneou uma novilha florão de tropa. Um graxedo! O churrasco foi de lambuzar o bigode da indiada. O Chico Manduca quer a todo custo que eu dome um lote de potros pra ele. Já disse que não posso, afinal de contas já estou com aquela empreitada grande na Fazenda dos Araújo. Isso sem contar com aquela imensidão de cercas que tenho que fazer antes da entrada do inverno lá na Fazenda do velho Mesquida. É engraçado, até parece que ninguém mais sabe montar num potrilho guacho nem estender um fio de arame no alto da coxilha. Se é uma dcma, se é uma lida de campo, se é pra envaetar um banheiro, se é pra erguer um galpão,

caramba, tudo tem que ser comigo!

— (esposa) — Mas em compensação, Carlito, nós vivemos aqui num fundo de estância, não temos falta de nada.

— (gaúcho) Pelo menos de trabalho!

— (esposa) — Não seja ingrato para com Deus. Você fala como se o trabalho fosse um martírio. Graças a Deus que nunca te falta trabalho e graças a isso que não nos falta nada em casa.

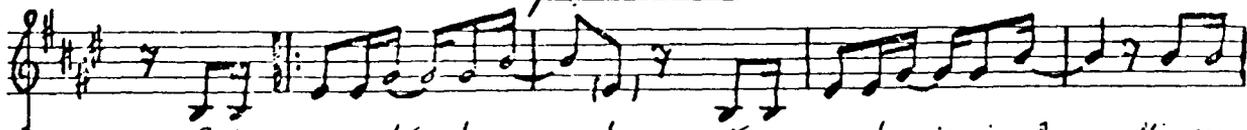
— (gaúcho) — Você é mesmo uma santa ingenuidade chinoca. Não vê que enquanto a gente se planta neste fundão de estância, o mundo continua na sua corrida de progresso.

Além do mais temos que pensar no Pedroca.

Não quero pra ele a vida que estou levando.

Tu sabes que o compadre Rui mandou-se a 1.<sup>a</sup> cria. Todo mundo comentou que ele queria era vida mansa na cidade, mas não sei, o fato é que ele arranhou um emprego, vive lá num fim de linha mas tem muito mais chance do que a gente aqui. Pelo menos os filhos estão num colégio da cidade. Aquilo é que é escola!

# Seca Danada



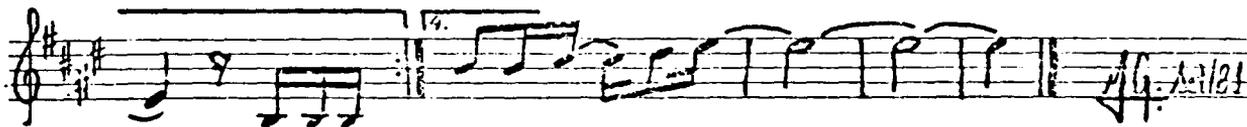
1. Es-ta se-ca lá da-na-da, Nós num po-de-mais vi-ve, Nós pre-  
 2. me conto as ar-ve, num tem a-qua pra be-be, As cri-  
 3. -el sí-a pra nós, três pre-sen-te de na-tal, A' aug<sup>o</sup>  
 4. -el tu so-be b'm, que nós te-mo mui-ta fé, Dá-es-pr-



1. -ci-so chu-va gros sa, pra pran-tá e pra cu-mê.  
 2. -an-ga tá cho-ran do, es-pe-ran-do pra mor-tê.  
 3. bo-jo pras cri-an ça, ter-ra bo-a e mi-a-nã.  
 4. -ran-ça pro teu pe-ro, mon-dam-bo-nas co-no-nê.



1. Nós pre-ci-so chu-va gros sa, pra pran-tá e pra cu-mê.  
 2. As cri-an-ça tá cho-ran do, es-pe-ran-do pra mor-tê.  
 3. A-qua e bo-jo pras cri-an ça, ter-ra bo-a e mi-a-nã.  
 4. Dá-es-pr- ran-ça pro teu pe-ro mon-dam-



1. \_\_\_\_\_ 2. Dá-es-pr- bo-nas co-no-nê!  
 2. \_\_\_\_\_ 3. Pa-pai ne-  
 3. \_\_\_\_\_ 4. Pa-pai ne-  
 4. \_\_\_\_\_

**Segunda Cena:** O gaúcho já com roupas remendadas, de alpargatas e calça coringa bem rústica, chega a uma casa na cidade.

— (gaúcho, batendo palmas — a empregada vai atender) — Vim ver se querem que limpe o jardim.

— (empregada) — Não, seu moço. O patrão já contratou uma firma especializada em jardina-

gem (voltando-se para dentro de casa resmungando: “Toda a hora é essa chateação de gente pedindo serviço, vendendo porcarias. Éta droga! Porque não vão encher a paciência de outros”).

**Terceira Cena:** Gaúcho entra gritando: amolador de faca! Olha o amolador de faca, tesoura, alicate de unha. Olha o amolador!

— (dona-de-casa) — Moço; me amole esta faca. (Dá-lhe uma faca de cozinha e o gaúcho põe-se a amolar).

— (gaúcho entregando a faca) — Pronto dona. Está de fazer a barba.

— (dona-de-casa) — Não tenho problema de barba, quero saber

se tira um bife sem mascar a carne. Quanto é?

— (gaúcho) Trinta cruzeiros.

— (dona-de-casa) — Nossa! O senhor sabe cobrar.

— (gaúcho) — O que é isso dona, isso não dá pra eu levar um pão e um litro de leite pra casa.

**Quarta Cena:** Gaúcho chegando numa construção e dirigindo-se ao mestre de obras:

— (gaúcho) — Eu queria ver se o senhor tem vaga nesta construção.

— (mestre de obras) — O que é que o senhor sabe fazer?

— (gaúcho) — Olhe seu moço, o que eu entendo mesmo é de lida de campo, mas se tiver qualquer serviço pesado aqui de servente por exemplo, eu dou conta do recado.

— (mestre-de-obras) — Infelizmente não temos vaga pra pes-

soal desqualificado. Se o senhor entendesse de marcenaria começaria a trabalhar agora mesmo.

— (gaúcho) — Mas eu já construí muito galpão lá na estância. Sei trabalhar com madeira também.

— (mestre-de-obras) — Ora moço, o senhor não vai querer aplicar a sua prática de galpão num prédio grã-fino destes!

**Epílogo:** gaúcho assentado na calçada, cabisbaixo, pensa em voz alta: “É Carlito, dizer que você já foi mestre-de-obras da estância, o rei do laço, o monarca das coxilhas, o senhor das do-mas. O pão preferido de todos os fazendeiros. E hoje, o que é você? Um trapo humano, mendigando aqui e ali uma changa pra garantir o mingua-do prato de todo dia pra china e pro piá. Mas exatamente por causa deles, Carlito, você não pode se entregar... (levanta e sai vagarosamente...)”

Cântico: Pássaro Perdido

I

Bem cavalo — arreio bom,  
Pilcha simples — bem cuidada  
E uma estampa de monarca  
Mesmo tendo quase nada.

II

Palha, fumo, carne gorda,  
Erva buena não faltava.  
Pra um índio flor-de-campeiro  
Serviço sempre sobrava.

III

Veio a visão da cidade  
E o pago se fez lembrança  
Hoje — amarga dura vida  
Num pôr-de-sol de esperança

IV

Cativo ao brête das ruas  
Como pássaro perdido  
Negaceando alguma changa  
Pra o prato tão diminuído

V

Por isto, quando se encontra  
No espelho fundo de si  
Ouve o tempo debochando  
Já te vi bem... bem-te-vi

(Entra um grupo cantando com  
a música da "Prenda Minha"):

Vou-me embora da cidade, meu  
Senhor  
Pra fazenda vou voltar  
Preciso da liberdade, meu senhor  
Que eu perdi ao vir pra cá.  
Tra-la-la-la-la...  
Vou-me embcra pra estância,  
meu senhor  
Pra estância vou voltar  
É o presente mais bonito, meu  
senhor  
Que eu ganhei neste NATAL.

Todo o povo estava a esperar;

The musical score is written on four staves in a single system. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The melody is written in a simple, folk-like style. Below the staves, the lyrics are written in a stylized, handwritten font, with some words underlined. The lyrics are: TO - DO PO - VES - TA - VA RES - PE - RAR, REI DE TO - DOS A LI - BEA - DA DE, BO - A NO - VA PA - RA A - LE - GRAR, PA - RA TO - DOS FRA - TER - NI - DA - DE. I. EM BE - II. UM RES - LEM E - LEA - PA - RE - CEU, FI - LHO DE JO - SE' E MA - RI - A, O' PAS - TRE - LA A - PA - RE - CEU AOS REIS MA - GOS NO O - RI - EN - TES, VAI NAS - TO - RAS SE - SUS NAS - CEU, TROU - XE AO MUN - DO NO - VA A - LE - GRI - A. - CER O ME - NI - NO DEUS, BO - A NO - VA PRA TO - DA GEN - TE.

## TERCEIRO ATO: Problemas da Região Sudeste

**Primeira Cena:** Entra um entrevistador com um microfone na mão e, dirigindo-se a um público imaginário:

— Boa-noite, senhoras e senhores. A nossa emissora vai nesse instante, apresentar-lhes uma sensacional reportagem. Estamos falando da casa, digo, do barraco de um dos inúmeros cortadores de cana da nossa região. Aqui está o Sr. João. Boa-noite, Seu João!

— Boa-noite, sinhô!

— Sr. João, o senhor é natural da nossa cidade?

— Não sinhô. Não é natural nós tá morando aqui, não.

— Crelo que o senhor não entendeu a minha pergunta. Não é neste sentido que eu lhe perguntei. Os nossos ouvintes querem saber se o senhor nasceu aqui em Piracicaba.

— Ah, bão, adescurpe, seu moço. Eu vim do interior de Minas mode amlorá a minha vida mais a da minha família.

— Muito bem. Quantos anos o Sr. tem?

— Trinta e cinco anos.

— É... aparenta muito mais, não é seu João?

— É a vida, seu moço.

— Sr. João, quantos filhos o Sr. tem?

— Bão, vivo tenho seis fio. Ago-

ra, três dos nove que Deus deu pra gente Ele já levô.

— Quanto o Sr. ganha cortando cana?

— Bão, trabaiano de só a só dá pra tirá uns treis mais o meno. Agora, seu moço, esse negócio de ganhá num tá certo não. A gente num ganha nada, nem muito obrigado. A gente consegue vendê um trabaião enorme por esses treis mir que eu lhe falei.

— Muito bem, seu João. Com o dinheiro que o senhor recebe, o senhor consegue sustentar a sua família?

— Pra falá bem a verdade pro sinhô. Quem sustenta a família dos pobre é esperança de miorá e a fé em Deus nosso Sinhô.

— Uma última pergunta: De que se constitui a sua refeição?

— Quando a gente come, as criança pega uma bóia de arrois, farinha de mandioca...

— (O entrevistador interrompe) — Muito bem, senhores e senhoras. Esta foi mais uma reportagem da sua Jovem Pão! O repórter desliga o microfone, pega o cortador de cana pelo braço sai.

### **CANTICO: Piracicaba**

Piracicaba, teus favelados

Gente humilde, clamam por ti

Cortando cana, seu sofrimento

Triste lamento, debes ouvir

No seu barraco não tem comida

Não tem Natal, Papai Noel

Mas nas mansões há desperdício

Fartura e vício, inferno e céu.

(estribilho)

Chegou a hora do Rei Menino

Nascer de novo pra transformar

A vida do povo, pobre e sofrido

Pra todos nós podermos cantar

(estribilho verdadeiro)

Piracicaba que adoro tanto

Cheia de flores, cheia de encanto

Ninguém compreende a grande dor que sente

Um filho ausente a suspirar por ti.

Já não se cantam mais os teus encantos

Nem tuas praças cheias de flores

Pois não te importas com tua gente simples

Que pra cresceres morre sem amores.

(estribilho)



A seguir uma maca leva o velho. Uma voz anuncia Manchetes, tais como: "Criança de Onze Anos Mata Velho de Sessenta com 12 Punhaladas!" "Encontrados dois cadáveres crivados de balas, na Baixada Fluminense!" "A Onda de Violência aumenta dia-a-dia na cidade do Rio de Janeiro!"

Cântico: "Natal da Esperança", A Nova Canção, n.º 2

(TODOS) Pela estrada da esperança caminhamos sem parar  
Procurando o Deus criança que nasceu pra nos salvar  
Onde estás tão pequenino, Tu que vieste para amar  
Onde estás Jesus Menino? Nós queremos te encontrar

Eu estou entre os sedentos de justiça e caridade  
Entre os pobres e os detentos e os que sofrem de orfandade  
Entre os muitos perseguidos, pelas forças da opressão  
Entre os tristes e perdidos, sem amor, sem lar, sem pão. (UM GRUPO)

(TODOS) Ao Te acharmos nós, teus pobres, não nos deixes mais Senhor  
Pois é assim que Te descubres aos que querem Teu amor  
Vem nos dar a liberdade para unirmos nossas mãos  
Em sinal dessa verdade, de que todos são irmãos.

**QUARTO ATO: Problemas da Região Centro-Oeste**

**Primeira Cena:** alguém batendo à porta. Uma mulher com vestimenta indígena, cabelo liso, vai abrir. Aparece homem mal vestido, esfarrapado.

— Bom-dia, Sinhá Maria! Cadê o Zé?

— O cacique foi vê se consegue uns trocado vendendo uns ovo lá no mercado. Entra!

— Mais era mesmo uns ovo que eu queria. O meu menino, aquele do meio, tá amarelo que é o cão. Tá parecendo istiricia. Tarvais seja fome mesmo, num sei. Eu queria vê se a sinhá podia me empréstá uns dois ovinho mode batê prele comê.

— É Seu Mané. As coisa tá cada veis pió. Imagina ocê que a gente veio do interiô pensano de tê uma vida n.íó aqui em Brasília e veja só no que deu. Perdemo ncsso pedacinho de Chão. Tamo até passano fome... Mais leva dois ovinho pro menino. Enquanto a véia galinha pnhadeira tivé força, tem ovo, né?

— Muito obrigada Sinhá Maria. Deus lhe pague. Dê vida longa pra senhora, pra galinha, pro bem de tudo nós. Vô indo. Té manhã.

— Té manhã, seu Mané. Lembraça pra Sinhá Matirida!  
(Sinhá Maria conversando consigo mesma:

"Tem tanta gente comendo carne, feijão tudo dia e a gente aqui nessa desgraça. Por quê?"

**Cântico: "Esperança pro Candango"**

Música: "Abra a porta e a janela"

Nós tivemos esperança quando a capital chegô

Que as ccisas miorava e nós tudo se alegrô

Fumo pra lá, tudo nós

Fumo pra lá, tudo nós

Mais as coisas piorô

Nóis perdemo nossa terra e um barraco nós ganhô

Nóis num vive, nós vegeta. sobrevivê, sim sinhô

Fumo pra lá...

Tamo perto dos palácio, das mansão, dos bangalô

Mas nós aqui nos barraco temo fé em Nosso Senhó

(Um grupo de criança entra cantando com música de **Terezinha de Jesus...**):

Papai Noel, Papai Noel, traz contigo a esperança

E ofereça pro candango muita fé, muita confiança.

(Os juvenis cantam com a música de **Sino de Belém**):

Toca sino pequenino, sino de Belém

Já nasceu Deus Menino para o nosso bem.

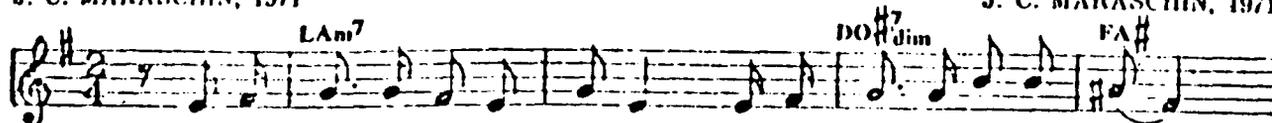
Anunciou a liberdade e a paz também

Dá coragem pro meu povo sino de Belém!

# NATAL DE ESPERANÇA

J. C. MARASCHIN, 1971

J. C. MARASCHIN, 1971



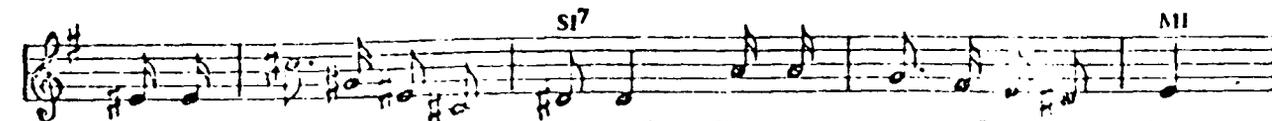
1. Pe-la es - tra - da da es - pe - ran - ça      Ca - mi - nha - mos sem pa - rar.  
 2. Eu es - tou en - tre os se - den - tos      De Jus - ti - ça e ca - ri - da - de,  
 3. Ao Te a - char - mos, nós Teus      po - bres,      Não nos      dei - xes ma - is,      Se - nhor,



Pro - cu - ran - do o Deus cri - an - ça      Que nas - ceu p'ra nós sal - var.  
 En - tre os      po - bres e os de - ten - tos      E os que      so - frem de or - fan - da - de;  
 Pois é as - sim que Te des - co - bres      Aos que      que - rem Teu a - mor.



On - de es - tás, tão pe - que - ni - no.      Tu que vies - te pa - ra a - mar?  
 En - tre os      mui - tos per - se - gui - dos      Pe - las      fór - ças da o - pres - são  
 Vem nos      dar a li - ber - da - de      Pa - ra u - nir - mos nos - sas      mãos



On - de es - tás Je - sus me - ni - no?      Nós que - re - mos te en - con - trar.  
 En - tre os      tris - tes e per - di - dos,      Sem a - mor, sem bar - sem      pão.  
 Em si - nal des - sa ver - da - de      De que      to - dos são ir - mãos.

## QUINTO ATO: Problemas da Região Nordeste

Uma família de nordestinos, sentada ao redor de uma mesa vazia. O pai fala, se lamentando.

— (Pai) — É Natal, meus fio. Na cidade grande todo mundo ganha presente, come carne de porco, carne daquelas galinha bem grande que eles chama de Pirú; tá todo mundo alegre. Nós aqui num tem um pedacinho pequenito de jabá pra enganá a barriga. Sorte tivero os cinco irmãozinho d'oces que Deus Nosso Sinhô já levô.

— (Filho pequenc) — Papai, me dá um poco d'água.

— (pai) — É Zeferina, tu tá com sede. Toma aí. Mas só um poco mesmo porque a água já tá no fim também.

— (voz de mulher) — Véio, o que é que eu faço com o Virgulino: Ele tá muito mar.

— (Pai) — Sabe, Raimunda. Se o tar de Papai Noel se lembrasse de nós, pudia mandá uns pedacinho de jabá, uma boa água da chuva e uns vidri-

nho de remédio. Mas parece que todo mundo tá tão preocupado consigo mesmo que nem tem tempo pra lembrá de nós.

**Juvenis Cantam: "Seca danada"**  
(Música de Asa Branca)

Esta seca tá danada. Nós num pode mais vivê  
Nós precisa chuva grossa. Pra pranta e pra cumê

Os hóme cortô as arve, num tem água pra bebê

As criança tá chorando, esperando pra morrê

(Outro grupo canta com a mesma música):

Papai Noel óia pra nós, trais presente da Natal

Água e bóia pras criança, Terra boa, miaral

Papai Noel, tu sabe que nós Temo muita fé

Dá esperança pro teu povo, manda embora os coroné.

## SEXTO ATO: Um político falando:

— Se voçeis votarem em mim, povo do Pará, eu prometo construir açudes, fornecer sementes e edificar um grande hospital. Tá na hora do nosso povo parar de sofrer. Chegou a hora do Pará, do Rio Grande do Norte, do Amazonas, do Acre, começarem a fazer tremer o grande Gigante Adormecido em berço esplêndido. Não esqueçam do meu número: 0330! Pode escrevê de diante pra trais, de trais pra diante que dá certo da mesma maneira!

— (uma voz grave fala): O Deputado 0330 foi eleito há oito anos. Os nortistas continuam

sem hospital, sem açudes e passando fome...

Onde está o Papai Noel?

**Um grupo canta: "Todo o Povo estava a Esperar"**

Todo povo estava a esperar, Rei de todos a liberdade

Boa nova para alegrar, para todos fraternidade. Em Belém Ele apareceu, Filho de José e Maria

Ó Pastoras Jesus Nasceu, trouxe ao mundo nova alegria!

Todo povo

Uma estrela apareceu, aos reis magos no Oriente

Vai nascer o Menino Deus, Boa Nova pra toda gente

Todo povo...

FINAL

Entram duas crianças conver-  
sando:

— (primeira criança) — Você  
sabe o que eu pedi pro Papai  
Noel?

— (segunda criança) — Uma  
boneca que chora e anda?

— (primeira criança) — Não!  
Eu pedi fartura pros que tem  
fome

amor pros que tem ódio no  
coração

Paz pros que só querem brigar

Esperança e muita  
compreensão

— (segunda criança) — Eu  
também vou pedir tudo isso  
pro Papai Noel!

(As crianças saem abraçadas)

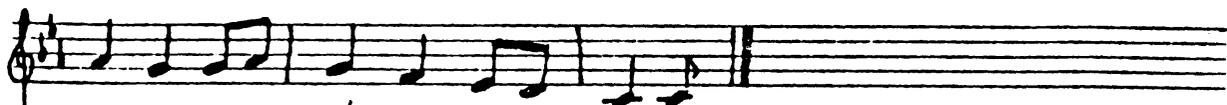
— Os juvenis cantam: “Quero  
de Presente” — enquanto o  
Papai Noel fala (sem apare-  
cer): Eu trouxe tanta coisa,  
tanto brinquedo caro e bonito,  
mas tudo errado. Vou embora,  
Bca-noite (saí pela porta dos  
fundos).

PAPAI NOEL,

vna. Teresinha de Jesus



PA-PAI NO - EL, PA-PAI NO - EL, TRAZ CON-TI-GOA ES-PÉ-RAN-ÇA EQ-FE - RE-ÇA PRO CAV-



- DAN-ÇO MUI-TA FÉ, MUI - TA CON - FIAN-ÇA.

# PÁSSARO PERDIDO,

Bem ca-va-lo an-re-lo bom, Pil-cha sim-ples bem cui-da-da

Eu mes-tan-pa de mo-na-ça Mes-mo ten-do qua-xe na-da

Pa-lis, fu-ma car-ne gor-da, Er-va bue-na não fal-ta-va.

Prum ín-dio fion-de-cam-peiro Ser-viço sem-pre so-bra-va

Veio vi-são da ci-da-de e o pa-go se fez lem-bran-ça

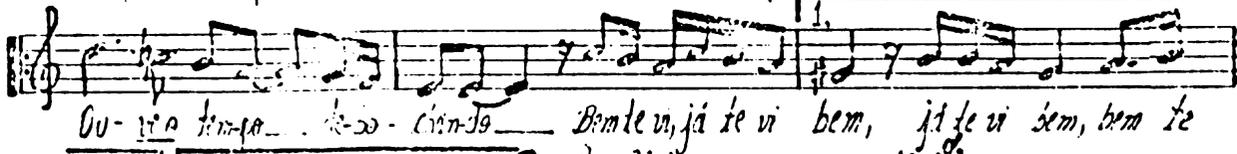
Ho-je a-man-ça du-ra vi-da num-pede-ral de es-pe-ran-ça

Ca-ti-vos entre das ru-as to-mo péis-sa-ro per-di-do

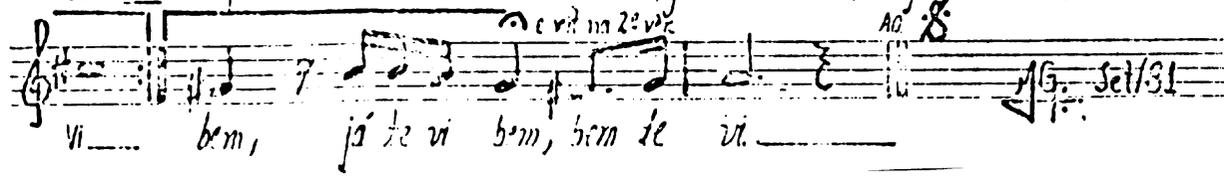
Né-ga-ção de i-gu-ma chan-ga Prum pado tão di-mi-nuí-do



Por isso, quando vencer... tra... noes-pecho fim-do de xi



Ou- na tem- pa... de- so - cran- do Bem te vi, já te vi bem, já te vi bem, bem te



vi... bem, já te vi bem, bem te vi.

*c.rit. na 2ª vez* *AG. S*

Set/31

Aparece o Papai Noel brasileiro distribuindo mensagens de Natal e de esperança e fé no Senhor Jesus.

(Os juvenis continuam cantando)

**Quero de Presente**

Quero de presente, muitos amigos. Uma estrela lá no céu  
Chegou Jesus, Papai Noel.

Quero a paz neste Natal. Refletindo a todo o mundo  
Amor e compreensão para vivermos melhor  
E pedir ao Papai Noel de presente uma oração  
Pra que seja eterno Natal  
E um mundo todo irmão.  
Quero de presente...

Quero de Presente.

Que-ro de pre-sen-te, muito mais a-mi-gos. Uma es-tre-la lá no céu  
Che-gou Je-sus, Pa-pai No-el. *fin* Que-rea Paz nes-te Na-tal.  
A-mor e com-pre-en-são  
Re-fo-tin-do a to-do o mun-do E pe-din ao Pa-pai No-el  
pa-ra vi-ver-mos me-lhor. *Do. ao Fim*  
de pre-sen-te u-ma or-a-ção Pra que se-ja e-ter-no Natal E um mundo to-do ir-mão.

Sino de Belém,

To-ca ri-no pe-que-ri-no ri-no de Be-lém Já nasceu De-us em ri-no pa-ra-nos-ros Belém.  
A-mem-cio-a Li-ber-ta-de e a paz tam-bém Da co-ro-nem pro-meu-po-vo ri-no de Be-lém!

ESPERANÇA PRO CANDANGO

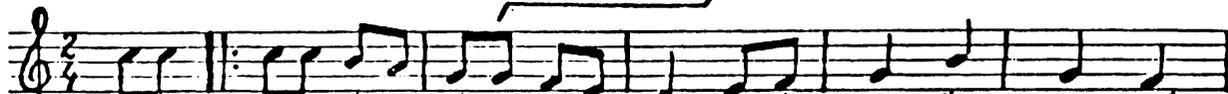


1. NÓS TI - VE - MU ES - PE - RAN - CA QUANDO CA - PI - TAL CHE - GÔ QUE AS  
 COI - SA MU - O - RA - VA E NÓS TU - DO SER - LE - - - - - GRÔ  
 2. NÓS PER - DE - MO NOS - SA TER - RA EUM BAR - RAO NÓS GA - RI - HÔ NÓS NUM  
 VI - VE, NÓS VE - SE - TA, SO - BRE - VI - VE SIM SE - - - - - NHÔ } FUMO PRA  
 3. TA - MO PER - TO DOS PA - LA - CIÔ. DAS MAN - SÔ, DOS BAN - GA - LÔ, MAS NÓS  
 A - QU - NOS - BAR - RA - CO TE - MO FEEM NÔSSO SE - - - - - NHÔ }



LÁ TU - DO NÓS FU - MO PRA LÁ TU - DO NÓS MAS AS COI - SA PI - O - RÔ - - - - - FU - MO PRA - RÔ - - - - -

Prenda Minha,



1. Vou me em - bo - ra da li - da - de, meu Se - nhor Pra fa - - - gan - da vou vol -  
 2. Vou me em - bo - ra pra co - tã - dia, meu Se - nhor Pra lá - - - san - cia vou vol -



- tan Vou me em - 1. tre - ti - so da li - sen - da - de, meu Se - nhor Que eu per - di ao vir pra  
 - tan Vou me em - 2. 1.ª pre - sen - te mis bo - ni - to, meu Se - nhor Que eu ga - rdei mes - te ra -



ed. Tal. Trá lá lá lá lá lá Trá lá lá lá lá lá Trá lá lá lá lá



lá lá lá lá lá Trá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá

AG. Set/81